

CISION®

PRESS BOOK

Fidelidade - Lançamento ICC

CISION

Revista de Imprensa

1. Fidelidade lança Impact Center for Climate Change, Briefing - O Meu Marketing Online, 16/10/2024	1
2. Fidelidade lança Impact Center para aprofundar estudos sobre as alterações climáticas, Ambiente Magazine Online, 15/10/2024	2
3. "Climate Change Talks", Now - Climate Change Talks, 14/10/2024	3
4. Decisões de hoje que impactam o amanhã, Imagens de Marca Online, 14/10/2024	4
5. Tendências & Tecnologia - Decisões de hoje que impactam o amanhã, SIC Notícias - Imagens de Marca, 13/10/2024	5
6. "Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes", Expresso Online, 09/10/2024	6
7. "Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes", Sapo Online - Sapo 24 Online, 09/10/2024	10
8. C-STUDIO - "A sustentabilidade está na essência do nosso negócio", Negócios, 17/10/2024	14
9. C-STUDIO - Impact Center for Climate Change: a resposta da Fidelidade ao risco climático, Negócios, 14/10/2024	15
10. Fidelidade lança centro para estudo das alterações climáticas, ECO - Economia Online, 08/10/2024	17
11. Fidelidade lança Centro de Conhecimento para mitigar riscos das alterações climáticas, Executive Digest Online, 08/10/2024	19
12. Fidelidade lança Impact Center for Climate Change, Green Savers Online, 08/10/2024	20
13. Fidelidade lança centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas, Human Resources Portugal Online, 08/10/2024	21
14. Fidelidade vai investir cinco milhões em centro de conhecimento para estudo das alterações climáticas, Jornal Económico Online (O), 08/10/2024	23
15. Riscos climáticos sob a mira do Impact Center for Climate Change, Marketeer Online, 08/10/2024	25
16. Seguradora cria centro de estudo para as alterações climáticas em Portugal. Fogos são prioridade, Público Online, 07/10/2024	27

Fidelidade lança Impact Center for Climate Change

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	16/10/2024
Melo:	Briefing - O Meu Marketing Online	Autores:	Simão Raposo

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7080a8e>

A Fidelidade lança o Impact Center for Climate Change (ICCC), um centro de conhecimento dedicado ao estudo das alterações climáticas. Além disso, pretende mitigar os riscos e propor adaptações para a proteção do planeta, das pessoas e dos recursos.

Através da aliança das competências e dos recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, o ICCC pretende desenvolver conhecimento científico relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no setor segurador.

Com esta iniciativa, a empresa pretende reforçar o seu compromisso em enfrentar os desafios emergentes das alterações climáticas, contribuindo para uma sociedade "mais justa e resiliente". O programa de atuação tem como objetivos: enriquecer o ecossistema de conhecimento da sociedade e da Fidelidade sobre as alterações climáticas e os riscos relacionados com as mesmas, contribuir para minimizar as emissões de gases de estufa, desenvolver ações para a redução da vulnerabilidade e promover parcerias estratégicas de colaboração com entidades externas nestas matérias.

Além disso, o programa visa contribuir com respostas adequadas aos desafios das alterações climáticas que a sociedade enfrenta; posicionar a seguradora como um agente relevante nas questões relacionadas com o clima; e sensibilizar o público em geral e os decisores sobre os riscos, a sua materialidade e as consequências das alterações climáticas.

"Com a criação do ICCC, a Fidelidade dá continuidade ao seu compromisso de proteger o ambiente e de contribuir para a adaptação e mitigação das alterações climáticas, assegurando uma gestão informada dos riscos climáticos", afirma o coordenador do ICCC e diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida, Rui Esteves.

Simão Raposo

[Additional Text]:

Fidelidade lança Impact Center for Climate Change

Simão Raposo

Fidelidade lança Impact Center para aprofundar estudos sobre as alterações climáticas

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 15/10/2024

Meio: Ambiente Magazine Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=79fcefac>

A Fidelidade lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a proteção do planeta, pessoas e recursos.

Aliando as competências e recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais, o ICCC pretende desenvolver conhecimento científico rigoroso relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no setor segurador.

O programa de atuação do ICCC está alinhado com as melhores práticas nacionais e internacionais e tem como objetivos enriquecer o ecossistema de conhecimento da sociedade e da Fidelidade sobre as alterações climáticas e os riscos relacionados com as mesmas; contribuir para minimizar as emissões de gases de estufa; desenvolver ações para a redução da vulnerabilidade e promover parcerias estratégicas de colaboração com entidades externas nestas matérias.

Além disso, o programa visa contribuir com respostas adequadas aos desafios das alterações climáticas que a sociedade enfrenta; posicionar a Fidelidade como um player relevante nas questões relacionadas com o clima e sensibilizar o público em geral e os decisores sobre os riscos, a sua materialidade e as consequências das alterações climáticas.

O ICCC conta com uma equipa multidisciplinar e um Conselho Consultivo, constituído por especialistas de referência nacional e internacional, que asseguram a orientação estratégica e a qualidade do conhecimento produzido. As áreas prioritárias de investigação incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações, abordando os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal.

Redação Ambiente Magazine



"Climate Change Talks"

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=235df5d3-bc39-48c5-a03a-9b9d8d7c75c0&userId=42c2d017-cd46-4e6d-8625-e0c7eb03b5b9>

"Climate Change Talks"

A Fidelidade lançou no dia 7 de outubro o Impact Center for Climate Change, um centro de conhecimento sobre as alterações climáticas.

Declarações de Rogério Campos Henriques, CEO da Fidelidade; Rui Esteves, coordenador do Impact Center for Climate Change; João Mestre, diretor de Sustentabilidade da Fidelidade.

Repetições: Now - Climate Change Talks , 2024-10-15 11:35

Decisões de hoje que impactam o amanhã

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	14/10/2024
Melo:	Imagens de Marca Online	Autores:	Catarina Ganhão

URL: <https://www.imagensdemarca.pt/artigo/decisoes-de-hoje-que-impactam-o-amanha/>

Reportagem

Continuar a ler depois do Brand & CraftBrand & Craft

As alterações climáticas têm sido um tema cada vez mais presente nos dias de hoje. Situações como o calor extremo que se tem sentido nos últimos verões, e que tem provocado incêndios devastadores, ou o degelo que se tem verificado nas regiões polares, assim como a alteração do nível dos oceanos e a desertificação, são alguns exemplos dos fenómenos naturais causados pelas alterações.

E é precisamente para mitigar as consequências causadas pelas alterações do clima que a Fidelidade criou o Impact Center for Climate Change. Um centro de investigação que tem como objetivo estudar estas alterações e perceber de que forma podem ser minimizadas e mitigadas.

O Imagens de Marca esteve no lançamento do Impact Center for Climate Change. Saiba tudo em pormenor nesta reportagem.

Catarina Ganhão Jornalista



Tendências & Tecnologia - Decisões de hoje que impactam o amanhã

<https://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=9b36d758-50f6-4cde-8a7c-b689e81adba4&userId=42c2d017-cd46-4e6d-8625-e0c7eb03b5b9>

As alterações climáticas são um tema cada vez mais presente e, é por isso, que a Fidelidade criou o Impact Center for Climate Change.

Declarações de Rogério Campos Henriques, presidente Comissão Executiva Fidelidade; Rui Esteves, diretor Estatística - Estudos Técnicos Fidelidade; Andrew Revkins, jornalista ambiental

Repetições: SIC Notícias - Imagens de Marca , 2024-10-13 04:34

SIC Notícias - Imagens de Marca , 2024-10-18 05:26

"Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/10/2024
Meio: Expresso Online Autores: Carla Tomás

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2f269591>

Carla Tomás

Jornalista

Butch Bacani, especialista da ONU em gestão de risco e seguros associados à crise climática, lembra que somos "a primeira geração a descobrir que a verdadeira causa das alterações climáticas é a atividade humana e a última geração a poder fazer alguma coisa em relação a isso". Em entrevista ao Expresso, frisa que o papel das seguradoras "é sinalizar a exposição ao risco às comunidades, aos governos, aos seus clientes, à sociedade civil", incluindo deixar de segurar

Conhecido pelo seu trabalho de promoção de práticas de seguros sustentáveis, Butch Bacani lidera esta área no Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) e tem trabalhado para a construção de comunidades e economias mais resilientes, inclusivas e sustentáveis no quadro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do Acordo de Paris sobre alterações climáticas e da Iniciativa para a Redução do Risco de Catástrofes.

Como diretor desta área no PNUA, Bacani esteve em Lisboa esta semana para o lançamento do "Impact Center for Climate Change" (ICCC), um centro dedicado ao estudo das alterações climáticas, com o objetivo de mitigar riscos e propor adaptações perante os cenários de eventos extremos, como a subida do nível do mar, inundações, secas, ondas de calor ou incêndios.

O projeto da Fidelidade, conta com um investimento de cinco milhões de euros para os próximos cinco anos, e foi lançado na segunda-feira, no Pavilhão do Conhecimento. O ICCC envolve parcerias com universidades, centros de investigação, entidades públicas e privadas e consórcios internacionais e pretende desenvolver conhecimento científico sobre as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador.

Em entrevista ao Expresso, Butch Bacani falou sobre este centro, de cujo conselho consultivo faz parte, e da realidade global das alterações climáticas e da gestão de risco.

Com a pandemia de Covid 19 e as guerras em curso, considera que as alterações climáticas deixaram de estar sob os holofotes mediáticos e da atenção das pessoas?

Olhando para o aqui e agora é certo que há acontecimentos que estão a ocupar a mente das pessoas. Mas percebemos que as alterações climáticas estão a afetar cada vez mais a humanidade em termos de perdas económicas e sociais. Vemos isso no meu país natal, as Filipinas, ou nos Estados Unidos, com os furacões recentes, ou com os incêndios em Portugal. Há eventos extremos a chamar a atenção das pessoas e há uma linha muito clara traçada pela ciência sobre o que estamos a viver e as ações necessárias a ter, como as definidas no Acordo de Paris.

Referiu que a ciência é "amoral", depende apenas de factos, mesmo que ainda haja quem negue as alterações climáticas (como há quem negue a lei da gravidade). É o medo que impede a constatação

do risco?

Sendo amoral, a ciência não está preocupada com a correção ou a bondade de nada. Limita-se a relatar os factos. E, neste momento, a ciência diz-nos que estamos a atingir vários limites planetários. Também diz que há duas coisas que tornam possível a vida no nosso planeta: um clima estável e uma biodiversidade rica. Pode haver um certo pânico das pessoas, mas somos a primeira geração a descobrir que a verdadeira causa das alterações climáticas é a atividade humana e somos a última geração a poder fazer alguma coisa em relação a isso. Se não atuarmos com base na ciência, com a urgência e a ambição necessárias, será muito difícil as gerações futuras terem a mesma qualidade de vida que nós temos agora.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, tem alertado para o risco de continuarmos a acelerar na "autoestrada para o inferno". Apesar de os dirigentes políticos e económicos assumirem a importância de agir, a ação continua lenta e com retrocessos. Quando é que as ações valem mais do que as palavras?

Todos podemos fazer mais. O que a ONU mostra é que, para resolvermos problemas globais, necessitamos de soluções globais e uma das respostas a isso é o multilateralismo, a solidariedade com todos à volta da mesa. Vemos crescer o compromisso em alcançar "emissões líquidas nulas" ("Net zero") em todo o mundo. Quando avançamos na adaptação e na mitigação temos de pensar nas gerações presentes e futuras e a ação tem que falar mais alto do que as palavras. Na cimeira do clima do ano passado, no Dubai, pela primeira vez ficou escrito que precisamos de fazer a transição dos combustíveis fósseis. E isso é importante.

Não estamos a fazer o suficiente para lidar com as alterações climáticas e a perda de natureza e podemos fazer muito mais.

Foram precisas três décadas para pôr no papel essas palavras.

Estas palavras são um sinal importante sobre o que temos de fazer a nível global. Estamos a falar de uma questão geracional perante a qual precisamos de ter uma visão a longo prazo. Mas é verdade que, perante o que observamos, não estamos a fazer o suficiente para lidar com as alterações climáticas e a perda de natureza e podemos fazer muito mais. É urgente agir com ambição e visão. E por isso é tão importante o conceito de equidade intergeracional, a pensar nas gerações futuras. Perante esse sinal, muitos países e empresas do sector privado, incluindo instituições financeiras como as companhias de seguros, estão agora a dizer que têm a ambição de chegar a emissões líquidas zero até 2050.

São reais essas ambições ou mero "greenwashing"?

Há empresas a adaptar o seu modelo de negócio à transição global para uma economia sustentável que lhes permitirá não só sobreviver, como prosperar num mundo diferente. Estamos a passar de um mundo com elevado teor de carbono para um mundo com emissões líquidas nulas. E mesmo nessa linha temos também de nos adaptar aos impactos das alterações climáticas e estas já estão a acontecer.

Globalmente, as emissões de gases com efeito de estufa têm continuado a subir, e dificilmente cumpriremos a meta de 1,5 °C. Não agimos o suficiente na mitigação nem na adaptação?

É verdade. Por isso, cada fração de grau importa em termos de vidas, de modos de vida e de perda de ativos. Um estudo recente mostra que todos os países do V20 (em desenvolvimento) já perderam cerca um quinto do seu PIB coletivo, nas últimas duas décadas devido à crise climática, que perpetua a crise da dívida. Quanto mais se tem de reconstruir infraestruturas, como pontes, estradas e meios de subsistência, mais se tem de pedir emprestado. É um ciclo vicioso, particularmente para muitos países do sul global que foram os que menos contribuíram para as emissões.

As companhias de seguros também ganham com isso.

Nas Filipinas foram feitos seguros inclusivos ou microsseguros para comunidades de baixo rendimento. Uma só empresa segurou mais de 20% da população mais pobre, num país com mais de 110 milhões de pessoas. É um exemplo bom de como a inclusão financeira pode ajudar as comunidades de baixos rendimentos a serem mais resistentes aos impactos das alterações climáticas e a poderem continuar a subir a escada do desenvolvimento.

Há uma grande diferença entre as perdas económicas e as perdas seguradas provocadas pelas alterações climáticas

Os eventos extremos custaram 16 milhões de dólares por hora nos últimos 20 anos. Há fortes lacunas entre o que se perde e o que está seguro?

Sabemos que há uma grande diferença entre as perdas económicas e as perdas seguradas provocadas pelas alterações climáticas. E os custos são maiores porque não nos estamos a adaptar a fenómenos extremos mais intensos e precisamos de nos adaptar, tendo em conta a exposição e a vulnerabilidade. Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes.

O que se pode fazer para aumentar a resiliência e reduzir a vulnerabilidade?

Podemos fazer muitas coisas, como ter sistemas de alerta precoce, certificarmo-nos de que há proteção contra inundações, garantir que o planeamento e a gestão da utilização dos solos são sustentáveis, que não se constrói em zonas inundáveis. Se for agricultor, pode fazer a rotação de culturas para que, em caso de seca, ter culturas resistentes mesmo em situações extremas. E precisamos de considerar a preparação para a saúde humana, tanto física como mental para reduzir a mortalidade e a morbilidade a ondas de calor, por exemplo.

Se as seguradoras fixarem os preços com base no nível de exposição ao risco, o custo do seguro aumenta ou torna-se proibitivo

O que é que a indústria seguradora pode fazer em casos como construção em zonas inundáveis, na linha costeira ou ribeirinha?

A atividade principal do sector dos seguros é gerir o risco e todo o modelo de negócio se baseia na compreensão do risco, seja para a saúde, para as infraestruturas, ou para a economia. O risco residual é o que está coberto pelo seguro. Se as seguradoras fixarem os preços com base no nível de exposição ao risco, o custo do seguro aumenta ou torna-se proibitivo. Se for inacessível, mostra que não é um risco segurável.

Então, quem é que vai suportar as perdas?

Serão os governos e os contribuintes. No sector dos seguros existe um mecanismo de mercado privado para distribuir o risco, que de outra forma seria suportado pelos governos que funcionam como último recurso.

Apenas um terço das perdas económicas causadas por eventos climáticos extremos na Europa têm cobertura de seguro e em Portugal baixa para um quinto. As companhias de seguros não seguram porque começaram a perder dinheiro?

Sim e não. Depende do que quer dizer com perder dinheiro e quando. Com todos estes acontecimentos extremos no mundo, as seguradoras estão a ver a tendência e podem ajustar os seus preços cobrando mais na renovação da apólice. A indústria seguradora está a adaptar-se aos riscos crescentes associados às alterações climáticas e a alterar o seu modelo de negócio, defendendo a mudança no planeamento e utilização dos solos, nas normas de construção, nos sistemas de alerta precoce, de modo a que os seguros se tornem acessíveis. Foi o que aconteceu quando impuseram os cintos de segurança nos carros e se reduziu a mortalidade nos acidentes.

Qual é o papel do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) nesta adaptação do sector dos seguros?

O nosso papel foi criar a maior iniciativa de colaboração com a indústria seguradora global e envolvemos já perto de 300 organizações em todo o mundo, incluindo a Fidelidade. Queremos utilizar os seguros e os investimentos como uma alavanca para ajudar a descarbonizar a economia real e chegar a emissões líquidas zero, por exemplo segurando investimentos em energias renováveis e outras soluções para concretizar a transição. Todas as partes, quer sejam do sector público ou privado ou da sociedade civil, têm um papel a desempenhar.

O lançamento do Impact Center on Climate Change pela Fidelidade é um bom sinal?

É um dos bons sinais do que uma companhia de seguros pode fazer nas suas esferas de influência para promover a mudança junto do sector, dos corretores, dos resseguradores, dos reguladores e dos

governos responsáveis pelas políticas públicas.

A sociedade pode desconfiar das boas intenções das seguradoras, sobretudo com tantas letras pequeninas nos contratos?

É por isso que a responsabilização e a transparência fazem parte dos princípios de sustentabilidade. Uma boa governança é importante e não se pode fazer “greenwashing”. Sem uma estratégia de sustentabilidade clara e coerente não serão apenas as letras pequeninas que levam à desconfiança. Há cada vez mais estudos a demonstrar que os jovens não querem trabalhar com empresas sem uma estratégia de sustentabilidade que garanta soluções para um planeta mais sustentável.

"Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/10/2024

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=5f5621e3>

Butch Bacani, especialista da ONU em gestão de risco e seguros associados à crise climática, lembra que somos "a primeira geração a descobrir que a verdadeira causa das alterações climáticas é a atividade humana e a última geração a poder fazer alguma coisa em relação a isso". Em entrevista ao Expresso, frisa que o papel das seguradoras "é sinalizar a exposição ao risco às comunidades, aos governos, aos seus clientes, à sociedade civil", incluindo deixar de segurar

Conhecido pelo seu trabalho de promoção de práticas de seguros sustentáveis, Butch Bacani lidera esta área no Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) e tem trabalhado para a construção de comunidades e economias mais resilientes, inclusivas e sustentáveis no quadro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável do Acordo de Paris sobre alterações climáticas e da Iniciativa para a Redução do Risco de Catástrofes.

Como diretor desta área no PNUA, Bacani esteve em Lisboa esta semana para o lançamento do "Impact Center for Climate Change" (ICCC), um centro dedicado ao estudo das alterações climáticas, com o objetivo de mitigar riscos e propor adaptações perante os cenários de eventos extremos, como a subida do nível do mar, inundações, secas, ondas de calor ou incêndios.

O projeto da Fidelidade, conta com um investimento de cinco milhões de euros para os próximos cinco anos, e foi lançado na segunda-feira, no Pavilhão do Conhecimento. O ICCC envolve parcerias com universidades, centros de investigação, entidades públicas e privadas e consórcios internacionais e pretende desenvolver conhecimento científico sobre as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador.

Em entrevista ao Expresso, Butch Bacani falou sobre este centro, de cujo conselho consultivo faz parte, e da realidade global das alterações climáticas e da gestão de risco.

Com a pandemia de Covid 19 e as guerras em curso, considera que as alterações climáticas deixaram de estar sob os holofotes mediáticos e da atenção das pessoas?

Olhando para o aqui e agora é certo que há acontecimentos que estão a ocupar a mente das pessoas. Mas percebemos que as alterações climáticas estão a afetar cada vez mais a humanidade em termos de perdas económicas e sociais. Vemos isso no meu país natal, as Filipinas, ou nos Estados Unidos, com os furacões recentes, ou com os incêndios em Portugal. Há eventos extremos a chamar a atenção das pessoas e há uma linha muito clara traçada pela ciência sobre o que estamos a viver e as ações necessárias a ter, como as definidas no Acordo de Paris.

Referiu que a ciência é "amoral", depende apenas de factos, mesmo que ainda haja quem negue as alterações climáticas (como há quem negue a lei da gravidade). É o medo que impede a constatação do risco?

Sendo amoral, a ciência não está preocupada com a correção ou a bondade de nada. Limita-se a relatar os factos. E, neste momento, a ciência diz-nos que estamos a atingir vários limites planetários. Também diz que há duas coisas que tornam possível a vida no nosso planeta: um clima estável e uma

biodiversidade rica. Pode haver um certo pânico das pessoas, mas somos a primeira geração a descobrir que a verdadeira causa das alterações climáticas é a atividade humana e somos a última geração a poder fazer alguma coisa em relação a isso. Se não atuarmos com base na ciência, com a urgência e a ambição necessárias, será muito difícil as gerações futuras terem a mesma qualidade de vida que nós temos agora.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, tem alertado para o risco de continuarmos a acelerar na "autoestrada para o inferno". Apesar de os dirigentes políticos e económicos assumirem a importância de agir, a ação continua lenta e com retrocessos. Quando é que as ações valem mais do que as palavras?

Todos podemos fazer mais. O que a ONU mostra é que, para resolvermos problemas globais, necessitamos de soluções globais e uma das respostas a isso é o multilateralismo, a solidariedade com todos à volta da mesa. Vemos crescer o compromisso em alcançar "emissões líquidas nulas" ("Net zero") em todo o mundo. Quando avançamos na adaptação e na mitigação temos de pensar nas gerações presentes e futuras e a ação tem que falar mais alto do que as palavras. Na cimeira do clima do ano passado, no Dubai, pela primeira vez ficou escrito que precisamos de fazer a transição dos combustíveis fósseis. E isso é importante.

Não estamos a fazer o suficiente para lidar com as alterações climáticas e a perda de natureza e podemos fazer muito mais.

Foram precisas três décadas para pôr no papel essas palavras.

Estas palavras são um sinal importante sobre o que temos de fazer a nível global. Estamos a falar de uma questão geracional perante a qual precisamos de ter uma visão a longo prazo. Mas é verdade que, perante o que observamos, não estamos a fazer o suficiente para lidar com as alterações climáticas e a perda de natureza e podemos fazer muito mais. É urgente agir com ambição e visão. E por isso é tão importante o conceito de equidade intergeracional, a pensar nas gerações futuras. Perante esse sinal, muitos países e empresas do sector privado, incluindo instituições financeiras como as companhias de seguros, estão agora a dizer que têm a ambição de chegar a emissões líquidas zero até 2050.

São reais essas ambições ou mero "greenwashing"?

Há empresas a adaptar o seu modelo de negócio à transição global para uma economia sustentável que lhes permitirá não só sobreviver, como prosperar num mundo diferente. Estamos a passar de um mundo com elevado teor de carbono para um mundo com emissões líquidas nulas. E mesmo nessa linha temos também de nos adaptar aos impactos das alterações climáticas e estas já estão a acontecer.

Globalmente, as emissões de gases com efeito de estufa têm continuado a subir, e dificilmente cumpriremos a meta de 1,5 °C. Não agimos o suficiente na mitigação nem na adaptação?

É verdade. Por isso, cada fração de grau importa em termos de vidas, de modos de vida e de perda de ativos. Um estudo recente mostra que todos os países do V20 (em desenvolvimento) já perderam cerca um quinto do seu PIB coletivo, nas últimas duas décadas devido à crise climática, que perpetua a crise da dívida. Quanto mais se tem de reconstruir infraestruturas, como pontes, estradas e meios de subsistência, mais se tem de pedir emprestado. É um ciclo vicioso, particularmente para muitos países do sul global que foram os que menos contribuíram para as emissões.

As companhias de seguros também ganham com isso.

Nas Filipinas foram feitos seguros inclusivos ou microsseguros para comunidades de baixo rendimento. Uma só empresa segurou mais de 20% da população mais pobre, num país com mais de 110 milhões de pessoas. É um exemplo bom de como a inclusão financeira pode ajudar as comunidades de baixos rendimentos a serem mais resistentes aos impactos das alterações climáticas e a poderem continuar a subir a escada do desenvolvimento.

Há uma grande diferença entre as perdas económicas e as perdas seguradas provocadas pelas

alterações climáticas

Os eventos extremos custaram 16 milhões de dólares por hora nos últimos 20 anos. Há fortes lacunas entre o que se perde e o que está segurado?

Sabemos que há uma grande diferença entre as perdas económicas e as perdas seguradas provocadas pelas alterações climáticas. E os custos são maiores porque não nos estamos a adaptar a fenómenos extremos mais intensos e precisamos de nos adaptar, tendo em conta a exposição e a vulnerabilidade. Se as pessoas não forem resilientes aos impactos físicos da crise climática haverá perdas e mortes.

O que se pode fazer para aumentar a resiliência e reduzir a vulnerabilidade?

Podemos fazer muitas coisas, como ter sistemas de alerta precoce, certificarmo-nos de que há proteção contra inundações, garantir que o planeamento e a gestão da utilização dos solos são sustentáveis, que não se constrói em zonas inundáveis. Se for agricultor, pode fazer a rotação de culturas para que, em caso de seca, ter culturas resistentes mesmo em situações extremas. E precisamos de considerar a preparação para a saúde humana, tanto física como mental para reduzir a mortalidade e a morbilidade a ondas de calor, por exemplo.

Se as seguradoras fixarem os preços com base no nível de exposição ao risco, o custo do seguro aumenta ou torna-se proibitivo

O que é que a indústria seguradora pode fazer em casos como construção em zonas inundáveis, na linha costeira ou ribeirinha?

A atividade principal do sector dos seguros é gerir o risco e todo o modelo de negócio se baseia na compreensão do risco, seja para a saúde, para as infraestruturas, ou para a economia. O risco residual é o que está coberto pelo seguro. Se as seguradoras fixarem os preços com base no nível de exposição ao risco, o custo do seguro aumenta ou torna-se proibitivo. Se for inacessível, mostra que não é um risco segurável.

Então, quem é que vai suportar as perdas?

Serão os governos e os contribuintes. No sector dos seguros existe um mecanismo de mercado privado para distribuir o risco, que de outra forma seria suportado pelos governos que funcionam como último recurso.

Apenas um terço das perdas económicas causadas por eventos climáticos extremos na Europa têm cobertura de seguro e em Portugal baixa para um quinto. As companhias de seguros não seguram porque começaram a perder dinheiro?

Sim e não. Depende do que quer dizer com perder dinheiro e quando. Com todos estes acontecimentos extremos no mundo, as seguradoras estão a ver a tendência e podem ajustar os seus preços cobrando mais na renovação da apólice. A indústria seguradora está a adaptar-se aos riscos crescentes associados às alterações climáticas e a alterar o seu modelo de negócio, defendendo a mudança no planeamento e utilização dos solos, nas normas de construção, nos sistemas de alerta precoce, de modo a que os seguros se tornem acessíveis. Foi o que aconteceu quando impuseram os cintos de segurança nos carros e se reduziu a mortalidade nos acidentes.

Qual é o papel do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) nesta adaptação do sector dos seguros?

O nosso papel foi criar a maior iniciativa de colaboração com a indústria seguradora global e envolvemos já perto de 300 organizações em todo o mundo, incluindo a Fidelidade. Queremos utilizar os seguros e os investimentos como uma alavanca para ajudar a descarbonizar a economia real e chegar a emissões líquidas zero, por exemplo segurando investimentos em energias renováveis e outras soluções para concretizar a transição. Todas as partes, quer sejam do sector público ou privado ou da sociedade civil, têm um papel a desempenhar.

O lançamento do Impact Center on Climate Change pela Fidelidade é um bom sinal?

É um dos bons sinais do que uma companhia de seguros pode fazer nas suas esferas de influência

para promover a mudança junto do sector, dos corretores, dos resseguradores, dos reguladores e dos governos responsáveis pelas políticas públicas.

A sociedade pode desconfiar das boas intenções das seguradoras, sobretudo com tantas letras pequeninas nos contratos?

É por isso que a responsabilização e a transparência fazem parte dos princípios de sustentabilidade. Uma boa governança é importante e não se pode fazer "greenwashing". Sem uma estratégia de sustentabilidade clara e coerente não serão apenas as letras pequeninas que levam à desconfiança. Há cada vez mais estudos a demonstrar que os jovens não querem trabalhar com empresas sem uma estratégia de sustentabilidade que garanta soluções para um planeta mais sustentável.

Expresso

C-STUDIO

Com o apoio de Fidelidade

"A sustentabilidade está na essência do nosso negócio"

A Fidelidade está a lançar um conjunto de iniciativas para ajudar a sociedade a mitigar os riscos e a adaptar-se às alterações climáticas: um centro para estudar e gerir os impactos do risco climático, um Fundo Florestal e um plano para a neutralidade carbónica, explica o CEO Rogério Campos Henriques

Os grandes incêndios, as inundações e as secas prolongadas são alguns dos fenómenos extremos que se estão a tornar mais frequentes em Portugal, sobretudo na última década.

Neste contexto, a seguradora Fidelidade está a lançar um conjunto de iniciativas que vai além dos compromissos que já tinham sido assumidos pela empresa, no caminho para a neutralidade carbónica. Segundo Rogério Campos Henriques, CEO da Fidelidade, "entendemos que tínhamos de desempenhar um papel mais ativo, não só na redução das emissões da Fidelidade, como a ajudar a sociedade, como um todo, a fazer este caminho de mitigação dos riscos e de adaptação às alterações climáticas".

No dia 7 de outubro a seguradora lançou o Impact Center For Climate Change, vai criar um Fundo Florestal e tem um plano próprio para atingir a neutralidade carbónica.

Sustentabilidade é a missão

"Achamos que a sustentabilidade está na essência do nosso negócio, porque a nossa missão é proteger as pessoas, os seus bens, e ajudar os nossos clientes a preparar o futuro", afirma Rogério Campos Henriques. "Na nossa atividade tivemos sempre a preocupação com a sustentabilidade, embora muito mais na vertente social. Agora estendemos essa atuação à sustentabilidade ambiental, com particular atenção à componente climática".

Em 2023, explica o responsável, "definimos o nosso Plano Net Zero, com metas, já para 2030, de redução não só das nossas próprias emissões, como das emissões dos nossos fornecedores e dos clientes dos seguros que vendemos, bem como dos investimentos". Segundo Rogério Campos Henriques, "definimos também um conjunto de iniciativas alargado, que quere-

mos desenvolver para ajudar a sociedade nesta jornada". Iniciativas, explica, "como o Fundo Florestal, que nos vai ajudar a mitigar as emissões que não conseguimos reduzir, e o Impact Center For Climate Change (ICCC), que acabámos de criar", diz.

Traduzir conhecimento em ação

O ICC, que foi apresentado numa sessão no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, vai ser "um centro de produção de conhecimento, de reflexão, virado para a sociedade civil, em forte colaboração com as universidades e com outras entidades públicas e privadas, e que pretende contribuir para ações e estratégias concretas". Essas ações e estratégias "serão dirigidas não só àquilo que é a mitigação, ou seja, à redução das emissões – para as quais as empresas têm planos tipicamente até 2050 –, mas a uma variável a que não estamos a dar o peso relevante: a adaptação", considera o CEO da Fidelidade. "Hoje já estamos a viver as alterações climáticas, sentimos todos os dias. É algo para que temos de nos preparar melhor e temos de contribuir para incentivar a sociedade, os nossos clientes e parceiros, a fazer este caminho de mitigação e de adaptação às alterações climáticas", conclui.

Agravamento dos fenómenos

"A Fidelidade está numa posição privilegiada para poder perceber o impacto que

-50%

A Fidelidade pretende reduzir 50% das emissões das operações até 2030.

2050

A seguradora pretende atingir a neutralidade carbónica a todos os níveis em 2050.



Rogério Campos Henriques, CEO da Fidelidade

as alterações climáticas têm no nosso dia a dia", afirma o responsável.

"Quando olhamos para Portugal vemos que 18 dos 25 eventos climáticos mais relevantes dos últimos 20 anos ocorreram nos últimos 10 anos", sublinha Rogério Campos Henriques. Na sua perspetiva, "é para essa realidade de agravamento progressivo do impacto das alterações climáticas que temos de nos preparar".

Essa capacidade de incentivar comportamentos ambientalmente mais responsáveis vai para além do que o Fundo Florestal e o ICC possam produzir, e estende-se ao Plano Net Zero, que prevê reduções importantes nas emissões até 2030 e a neutralidade carbónica da Fidelidade até 2050.

O impacto principal deste plano não será nas operações da Fidelidade. "Prendemos reduzir 50% das nossas emissões diretas até 2030", afirma Rogério Campos Henriques. Isto porque "a indústria seguradora, sendo uma indústria de serviços, tem uma pegada carbónica inerte ao nosso negócio muito pequena",

explica. "Só 5% das emissões totais pelas quais somos responsáveis têm que ver com a nossa pegada direta, ou seja, com as nossas operações. Os outros 95% têm que ver com os seguros que vendemos e os investimentos que fazemos".

Impacto social do Plano Net Zero

Onde o Plano Net Zero vai ter maior impacto será "com os nossos objetivos de reduzir em 30% as emissões associadas aos seguros que vendemos e em 40% as emissões associadas aos investimentos que fazemos, isto já até 2030". Com este objetivo, "vamos ajudar os nossos clientes, sejam as indústrias, sejam as pessoas, a terem uma conduta mais responsável, a reduzirem as emissões", destaca o CEO da Fidelidade.

O mesmo acontece na componente de investimentos, afirma.

"Quando as empresas em que investimos reduzirem as suas emissões seremos também beneficiados na nossa componente de investimentos", conclui Rogério Campos Henriques.

C-STUDIO

Impact Center for Climate Change: a resposta da Fidelidade ao risco climático

O novo centro de estudos da seguradora sobre fenómenos extremos como grandes incêndios e inundações vai ajudar a criar um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a proteção do planeta, pessoas e recursos. A conferência de lançamento do ICCC juntou especialistas nacionais e internacionais.



Foi perante um auditório cheio, no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, que teve lugar a apresentação do Impact Center for Climate Change (ICCC), um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a proteção do planeta, pessoas e recursos.

Atualmente, a Fidelidade tem um conjunto ambicioso de iniciativas para atingir a neutralidade carbónica. A seguradora criou um Fundo Florestal, participa nas Conferências das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (COP) e em diversas iniciativas da ONU. Lança agora um Centro de Conhecimento que vai aliar as competências e os recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais.

Sustentabilidade no ADN

O envolvimento ativo da Fidelidade neste combate é, para Rogério Campos Henriques, CEO da seguradora, mais um passo numa estratégia de sustentabilidade de longo prazo, como explicou na abertura da

conferência. "Para nós, a sustentabilidade não é um conceito abstrato. É um pilar fundamental da nossa atividade e está no nosso ADN". De acordo com o CEO da Fidelidade, "a indústria seguradora tem um papel a desempenhar na resposta a este desafio. Não só porque é diretamente afetada pelas alterações climáticas, mas porque pode fazer a diferença, contribuindo para criar mais conhecimento sobre os riscos, e incentivando a adoção de comportamentos ambientalmente mais responsáveis, por parte dos seus milhões de clientes."

Plataforma de partilha

As áreas prioritárias de investigação do ICCC incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações, abordando os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal. O centro pretende "criar uma plataforma de partilha e diálogo sobre o conhecimento relacionado com alterações climáticas, partilhando informação de base científica com a sociedade em geral e também com os nossos decisores políticos", afirmou no auditório Rui Esteves, diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade e co-coordenador do ICCC.

De acordo com Rui Esteves, "o centro não irá apenas gerar estudos, mas pretende contribuir para que o conhecimento

gerado seja transposto para o mundo real". Daí a importância das parcerias com entidades externas, "que nos trazem as suas perspetivas, o seu conhecimento e preocupações, e que nos ajudam a identificar onde é que as iniciativas do ICCC podem criar mais valor".

Acelerar a mitigação

O ICCC conta com uma equipa multidisciplinar que tem no Conselho Consultivo, constituído por especialistas de referência nacional e Internacional (ver caixa), uma peça essencial. Foi exatamente um painel constituído por membros do Conselho Consultivo que se debruçou sobre o tema "Como impulsionar uma maior ação climática?". Para o ex-jornalista Andrew Revkin, que escreveu sobre temas ambientais nos últimos 40 anos, para o New York Times e outros títulos, "é necessário fazer mais jornalismo e informar melhor sobre a necessidade de aumentar a resiliência aos impactos das alterações climáticas". As mudanças que viu em quatro décadas foram enormes. "Passei de fazer peças relativamente simples sobre poluição para histórias muito mais complexas acerca do clima e dos ecossistemas, com imensas ramificações políticas, sociais e económicas com impacto local e alcance global."

Portugal impreparado

Para Pedro Matos Soares, investigador da Universidade de Lisboa e autor do Roteiro Nacional de Adaptação 2100, existe claramente um défice de preparação do país para as consequências já previsíveis das alterações climáticas. "Uma das melhores maneiras de fazer progresso na resiliência das nossas sociedades é aplicando os dados para demonstrar os benefícios de um maior investimento na mitigação dos impactos", afirmou.

Na perspectiva de Luísa Schmidt, Investigadora Principal em Sustentabilidade do ICS-Universidade de Lisboa, a concentração da população no litoral e o desordenamento territorial, bem como os direitos adquiridos que continuam a viabilizar a construção na linha de costa, dificultam os esforços de adaptação de Portugal às alterações climáticas. No país há três áreas "preocupantes": "as secas prolongadas, os fogos cada vez mais frequentes e descontrolados, e a erosão da linha de costa". Na sua visão, "é necessário começar a preparar o recuo planeado das populações de algumas zonas costeiras".

Na visão de Nuno Oliveira, CEO da consultora Natural Business Intelligence, a crise climática tem "ocultado" uma crise mais geral dos ecossistemas e da biodiversidade



Da esquerda para a direita, Pedro Matos Soares, Nuno Oliveira, Luísa Schmidt, Butch Bacani e Andrew Revkin

que está também a contribuir para as alterações em curso. Na sua perspetiva, “uma abordagem inteligente à preservação e desenvolvimento dos ecossistemas ajudaria muito na mitigação dos impactos”.

Também para Júlia Seixas, pró-reitora e investigadora principal em energia e clima da NOVA FCT, o trabalho na sensibilização para a sustentabilidade e na mitigação dos impactos das alterações climáticas nas Pequenas e Médias Empresas (PME) – que são a esmagadora maioria do

tecido empresarial – é um aspeto crucial deste combate.

Indústria seguradora envolvida

Butch Bacani, diretor das Iniciativas para a Indústria Seguradora nas Nações Unidas, falou do contributo da indústria seguradora para uma melhor mitigação e adaptação aos riscos climáticos. “O que está em jogo não é apenas salvar o planeta, mas sim salvar modos de vida e não destruir as possibilidades das gerações futuras”. Um desa-

fiço que a ONU já incorporou. “As Nações Unidas perceberam que, para ter sucesso, teriam de envolver as empresas e nomeadamente o setor financeiro na luta, para sermos capazes de construir um futuro próspero para todos num planeta saudável”, concluiu.

Neste contexto, também a intervenção que antecedeu o painel, por Maryam Golaraghi, diretora para as Alterações Climáticas e Ambiente na Geneva Association, incidiu na forma como a indústria seguradora pode criar incentivos para que as empresas adotem comportamentos e façam investimentos que ajudem a mitigar riscos. Na sua perspetiva, “necessitamos de uma mudança de paradigma”. Nomeadamente, “revisitando todo o ciclo de vida de um ativo – uma casa, por exemplo – para, em cada passo, reavaliar a gestão dos riscos associados”.

Riscos no mundo real

No último painel sobre “Ação Climática no Mundo Real”, Angela Morgado, diretora Executiva do World Wide Fund For Nature Portugal, e Tiago Oliveira, presidente da Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais, com a moderação de João Mestre, diretor de sustentabilidade da Fidelidade, debateram as estratégias possíveis de ação climática em Portugal neste momento. Para a representante do WWF, existem múltiplos estudos que podem orientar a ação concreta das empresas e dos governos. Para Tiago Oliveira, perante o aumento da ameaça dos grandes incêndios florestais, é preciso seguir a ciência na definição das políticas de combate e prevenção.

“Adaptação ativa”

No fecho da sessão, Jorge Magalhães Correia, chairman da Fidelidade, considerou que o lançamento do ICCC pela empresa é mais um exemplo da “adaptação ativa” que a seguradora sempre seguiu perante novas realidades e em momentos de viragem.

O CONSELHO CONSULTIVO DO ICCC

O Conselho Consultivo confere orientação estratégica e aconselhamento sobre tendências e melhores práticas que contribuam para a mitigação e adaptação às alterações climáticas, enquanto assegura a qualidade e a atualidade do conhecimento produzido. São membros do Conselho Consultivo do ICCC:

Andrew Revkin: 40 anos a fazer reportagens sobre o clima e outros desafios da sustentabilidade, principalmente para o The New York Times. Começou a debruçar-se sobre o aquecimento global em 1988 e nunca mais parou.

Butch Bacani: diretor da área seguradora do Programa Ambiental das NU, lidera os Princípios das Nações Unidas para os Seguros Sustentáveis - a maior colaboração entre as Nações Unidas e a indústria seguradora.

Júlia Seixas: é professora integral na Universidade NOVA, exercendo funções de pró-reitora para a área da sustentabilidade desde 2021. Há mais de 20 anos que coordena estudos de apoio a políticas públicas, nomeadamente no domínio da mitigação climática.

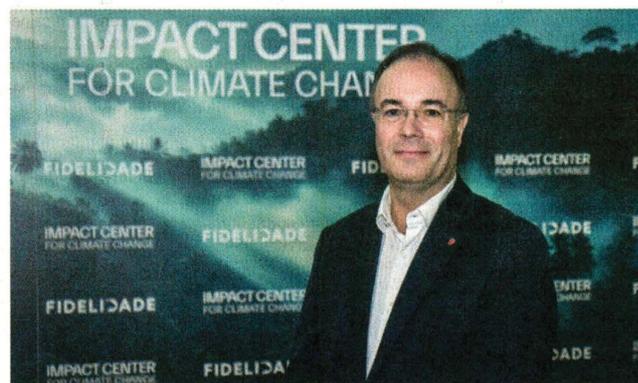
Luísa Schmidt: é socióloga e investigadora coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Membro da equipa que introduziu a Sociologia do Ambiente em Portugal. Último livro: “50 Anos de Políticas Ambientais em Portugal” (org) (2023).

Nuno Oliveira: É um ecologista e empreendedor português conhecido pelo seu trabalho na estratégia e gestão de ecossistemas e biodiversidade. É sócio-gerente e CEO da NBI - Natural Business Intelligence, uma empresa de consultoria focada em práticas empresariais ecológicas e sustentáveis.

Pedro Matos Soares: professor auxiliar e investigador principal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Foi o coordenador científico do projeto EEA Grants “Roteiro Nacional de Adaptação 2100 - Avaliação da vulnerabilidade do território português às alterações climáticas no século XXI”.

A indústria seguradora tem um papel a desempenhar na resposta a este desafio, contribuindo para criar mais conhecimento sobre os riscos e incentivando a adoção de comportamentos ambientalmente mais responsáveis, por parte dos seus milhões de clientes.

ROGÉRIO CAMPOS HENRIQUES
CEO da Fidelidade



O CEO da Fidelidade, Rogério Campos Henriques, na abertura da conferência

C:Studio é a marca que representa a área de Conteúdos Patrocinados. E o local onde os marcos podem contar as suas histórias e experiências.

Fidelidade lança centro para estudo das alterações climáticas

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	08/10/2024
Melo:	ECO - Economia Online	Autores:	Francisca Pinto Gonçalves

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ebf30def>

O centro vai abordar os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal e as suas principais áreas de atuação incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações.

A Fidelidade lançou esta segunda-feira um centro de investigação dedicado às alterações climáticas - denominado Impact Center for Climate Change (ICCC) - que promete divulgar o conhecimento científico produzido com a sociedade e agentes políticos.

Rogério Campos Henriques, CEO da Fidelidade, na sessão de abertura do evento de apresentação o ICCC, no Pavilhão do Conhecimento, salientou que a seguradora está a lançar "um fundo florestal para gerar créditos de captura de carbono".

"A nossa missão é criar uma plataforma de partilha ideal sobre o conhecimento [com base científica] relacionado com alterações climáticas", assinalou Rui Esteves, diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade, no evento de lançamento do centro que teve lugar no Pavilhão do Conhecimento esta segunda-feira.

Segundo Rui Esteves, o plano de ação do centro alinha-se com as matrizes de gestão de riscos: debruça-se sobre a perigosidade, exposição e vulnerabilidade aos riscos climáticos, assim sobre a capacidade de resposta e sensibilização e a capacidade de recuperação.

Com o centro pretende-se gerar valor com "conhecimento técnico", ou seja, "a capacidade de reintegrar o conhecimento acrescido para a gestão da atividade seguradora"; "sensibilização" no âmbito de divulgar o conhecimento e auxiliar as empresas suas clientes a fixar metas de neutralidade carbónica. Assim como utilizar os conhecimentos adquiridos para ajudar a desenvolver regulamentação para que as vulnerabilidades sejam limitadas, explicou diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade.

O centro vai abordar os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal e as suas principais áreas de atuação incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações.

Foram vários os motivos que levaram ao surgimento deste projeto, desde a vulnerabilidade das famílias e empresas aos riscos climáticos até à exposição da Fidelidade aos riscos das alterações climáticas internacional, uma vez que opera em 14 países, estando exposta aos "tufões da Ásia até aos efeitos do El Niño na América do sul, passando pelas inundações em Moçambique", assinalou Rui Esteves.

No mesmo evento, o CEO da Fidelidade, Rogério Campos Henriques, aproveitou para salientar que a seguradora está a lançar "um fundo florestal para gerar créditos de captura de carbono, investindo em soluções baseadas na natureza, para compensar as emissões residuais que venhamos a ter".

ICCC junta jornalistas, empresários e entidades públicas. Porquê?

O ICCC conta com patrocínio dos órgãos de gestão da Fidelidade (conselho de administração e comissão executiva), com as competências das equipas internas da companhia e também com a parceria com atores públicos e privados como universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais.

Rui Esteves, diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade e co-coordenador do ICCC, foi o keynote speaker do evento e debruçou-se sobre o papel dos seguros num clima de mudança.

Juntamente com os agentes mencionados, o centro conta com Tomé Pedroso, assessor da comissão executiva da Fidelidade e, com Rui Esteves, ambos co-coordenadores do ICCC, responsáveis de propor estratégias e orçamentos para coordenar o centro, e com um Conselho Consultivo encarregado de assegurar a orientação estratégica e a qualidade do conhecimento produzido.

O Conselho Consultivo conta com a perícia de Andrew Revkin, jornalista com cerca de quarenta anos de carreira dedicado ao reporte do clima e desafios da sustentabilidade; Butch Bacani, diretor da área seguradora do Programa Ambiental das Ações Unidas e liderou a criação do Fórum para a Transição de Seguros para Net Zero; Júlia Seixas, professora na Universidade Nova de Lisboa, que exerce funções de pró-reitora para a área de sustentabilidade desde 2021; Nuno Oliveira ecologista e sócio-gerente e CEO da NBI - Natural Business Intelligence; Luísa Schmidt, socióloga e investigadora coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa que dedica a sua carreira à área do ambiente e alterações climáticas; e Pedro Matos Soares professor auxiliar do departamento de Engenharia Geográfica, Geofísica e Energia e investigador principal do Instituto Dom Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que tem investigado sobre modelação climática, alterações climáticas e energia e sustentabilidade.

A seguradora vê no centro um meio para reforçar o seu compromisso em enfrentar os desafios emergentes das alterações climáticas. Compromisso que já lhe valeu classificação de segunda melhor seguradora da Europa e a quarta melhor do mundo em termos de sustentabilidade (em 304 avaliadas), no mais recente estudo sobre a temática da consultora Morningstar Sustainalytics. É também a única seguradora portuguesa a integrar o Fórum para a Transição de Seguros para Net Zero, convocada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Francisca Pinto Gonçalves

Fidelidade lança Centro de Conhecimento para mitigar riscos das alterações climáticas

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	08/10/2024
Melo:	Executive Digest Online	Autores:	André Manuel Mendes

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=58f9b498>

A Fidelidade anunciou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um novo Centro de Conhecimento dedicado ao estudo e combate às alterações climáticas. O objetivo do centro é identificar soluções que ajudem a mitigar os riscos associados a estas mudanças e a propor adaptações eficazes para proteger o planeta, as pessoas e os recursos.

O ICCC surge da combinação das capacidades internas da Fidelidade com o apoio da investigação científica e parcerias externas. Entre estas parcerias estão universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais. O foco do centro está no desenvolvimento de conhecimento científico rigoroso sobre o impacto das alterações climáticas, com um destaque especial para o setor dos seguros.

Fenómenos como inundações, tempestades, incêndios florestais, secas e desertificação exigem uma resposta proativa, que inclua tanto a gestão equilibrada dos riscos como a mitigação dos seus impactos.

O programa do ICCC está em sintonia com as melhores práticas a nível nacional e internacional. Entre os principais objetivos estão o enriquecimento do conhecimento sobre as alterações climáticas, a redução das emissões de gases com efeito de estufa, a diminuição da vulnerabilidade da sociedade a estes riscos e o fomento de parcerias estratégicas.

Outro dos grandes focos é posicionar a Fidelidade como um interveniente de peso nas questões climáticas e aumentar a sensibilização pública e dos decisores sobre os riscos das alterações climáticas. Para tal, o ICCC conta com uma equipa multidisciplinar e um Conselho Consultivo composto por especialistas nacionais e internacionais, que asseguram a qualidade e orientação estratégica dos estudos realizados.

As principais áreas de investigação do centro incluem incêndios, vulnerabilidades habitacionais e inundações, com especial atenção aos riscos climáticos em Portugal.

Segundo Rui Esteves, Co-coordenador do ICCC e Diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade, "Com a criação do ICCC, a Fidelidade dá continuidade ao seu compromisso de proteger o ambiente e de contribuir para a adaptação e mitigação das alterações climáticas, assegurando uma gestão informada dos riscos climáticos".

André Manuel Mendes

Fidelidade lança Impact Center for Climate Change

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 08/10/2024

Melo: Green Savers Online

URL: <https://greensavers.sapo.pt/fidelidade-lanca-impact-center-for-climate-change/>

A Fidelidade lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a proteção do planeta, pessoas e recursos

Fidelidade lança Impact Center for Climate Change

Por Green Savers

11:30 - 8 Outubro 2024

Partilhar

A Fidelidade lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a proteção do planeta, pessoas e recursos, divulgou em comunicado.

Segundo a mesma fonte, aliando as competências e recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais, o ICCC pretende desenvolver conhecimento científico rigoroso relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador.

Com o ICCC, a Fidelidade reforça o seu compromisso em enfrentar os desafios emergentes das alterações climáticas, contribuindo para uma sociedade mais justa e resiliente. As consequências destes fenómenos, que incluem inundações, tempestades, incêndios florestais, secas e desertificação, exigem uma abordagem proativa que não só promova uma gestão equilibrada, mas que também permita a mitigação dos impactos negativos.

O ICCC conta com uma equipa multidisciplinar e um Conselho Consultivo, constituído por especialistas de referência nacional e internacional, que asseguram a orientação estratégica e a qualidade do conhecimento produzido. As áreas prioritárias de investigação incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações, abordando os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal.

Continuar a ler

Partilhar

Green Savers

Fidelidade lança centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/10/2024
Meio:	Human Resources Portugal Online	Autores:	Margarida Lopes

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4b67d12d>

A Fidelidade lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a protecção do planeta, pessoas e recursos

Fidelidade lança centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas

Por Margarida Lopes

Em 12:50, 8 Out, 2024

A Fidelidade lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change, um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a protecção do planeta, pessoas e recursos.

Aliando as competências e recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais, o ICCC pretende desenvolver conhecimento científico relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador.

Com o ICCC, a Fidelidade reforça o seu compromisso em enfrentar os desafios emergentes das alterações climáticas, contribuindo para uma sociedade mais justa e resiliente. As consequências destes fenómenos, que incluem inundações, tempestades, incêndios florestais, secas e desertificação, exigem uma abordagem proactiva que não só promova uma gestão equilibrada, mas que também permita a mitigação dos impactos negativos, lê-se em comunicado.

O programa de actuação do ICCC tem como objectivos enriquecer o ecossistema de conhecimento da sociedade e da Fidelidade sobre as alterações climáticas e os riscos relacionados com as mesmas; contribuir para minimizar as emissões de gases de estufa; desenvolver acções para a redução da vulnerabilidade e promover parcerias estratégicas de colaboração com entidades externas nestas matérias.

Além disso, o programa visa contribuir com respostas adequadas aos desafios das alterações climáticas que a sociedade enfrenta; posicionar a Fidelidade como um player relevante nas questões relacionadas com o clima e sensibilizar o público em geral e os decisores sobre os riscos, a sua materialidade e as consequências das alterações climáticas.

O ICCC conta com uma equipa multidisciplinar e um Conselho Consultivo, constituído por especialistas nacionais e internacionais. As áreas prioritárias de investigação incluem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações, abordando os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal.

Fidelidade vai investir cinco milhões em centro de conhecimento para estudo das alterações climáticas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	08/10/2024
Meio:	Jornal Económico Online (O)	Autores:	Inês Amado

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=28f82659>

A fórmula passa por aliar competências e recursos internos da própria Fidelidade à investigação científica e as parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais.

A companhia de seguros portuguesa Fidelidade criou um centro de conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas, tendo em vista a mitigação dos riscos enquanto contribuiu com respostas adequadas aos desafios que a questão acarreta.

Em causa está um investimento cinco milhões, que será feito ao longo de cinco anos.

Sob orientação estratégia de uma equipa multidisciplinar e um Conselho Consultivo que integra "especialistas de referência nacional e internacional", o ICCC - Impact Center for Climate Change, surge para "desenvolver conhecimento científico rigoroso relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador", explica a empresa em comunicado.

A fórmula passa por aliar competências e recursos internos da própria Fidelidade à investigação científica e as parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais.

"Com o ICCC, a Fidelidade reforça o seu compromisso em enfrentar os desafios emergentes das alterações climáticas, contribuindo para uma sociedade mais justa e resiliente. As consequências destes fenómenos, que incluem inundações, tempestades, incêndios florestais, secas e desertificação, exigem uma abordagem proativa que não só promova uma gestão equilibrada, mas que também permita a mitigação dos impactos negativos".

A propósito do projeto, Rui Esteves, cooordenador do centro e diretor de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade, diz que a a Fidelidade dá, assim, "continuidade ao seu compromisso de proteger o ambiente e de contribuir para a adaptação e mitigação das alterações climáticas, assegurando uma gestão informada dos riscos climáticos".

As áreas prioritárias de investigação do ICCC abrangem incêndios, vulnerabilidades das habitações e inundações, abordando os riscos específicos das alterações climáticas em Portugal.

O Conselho Consultivo do ICCC é composto por Andrew Revkin, jornalista da área do ambiente, Butch Bacani, diretor da área seguradora do Programa Ambiental das Nações Unidas, Júlia Seixas, professora na Universidade NOVA, Luísa Schmidt, socióloga e investigadora coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Nuno Oliveira, ecologista e empreendedor dedicado à estratégia e gestão de ecossistemas e biodiversidade, Pedro Matos Soares, professor auxiliar do departamento de Engenharia Geográfica, Geofísica e Energia e Investigador Principal do Instituto Dom Luiz (IDL), da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Riscos climáticos sob a mira do Impact Center for Climate Change

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 08/10/2024

Melo: Marketeer Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8989e2ed>

Aliando competências e recursos internos da Fidelidade à investigação científica e a parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais, a seguradora lançou o ICCC - Impact Center for Climate Change.

Trata-se de um Centro de Conhecimento dedicado ao estudo aprofundado das alterações climáticas e que pretende mitigar riscos e propor adaptações eficazes para a protecção do planeta, pessoas e recursos. O ICC propõe-se a desenvolver conhecimento científico rigoroso relacionado com as alterações climáticas e o seu impacto na sociedade, em particular no sector segurador.

O programa do ICCC tem como objectivos enriquecer o ecossistema de conhecimento da sociedade e da Fidelidade sobre as alterações climáticas e os riscos relacionados com as mesmas; contribuir para minimizar as emissões de gases de estufa; desenvolver acções para a redução da vulnerabilidade e promover parcerias estratégicas de colaboração com entidades externas nestas matérias.

Visa ainda contribuir com respostas aos desafios das alterações climáticas que a sociedade enfrenta; posicionar a Fidelidade como um player relevante nas questões relacionadas com o clima e sensibilizar o público e os decisores sobre os riscos, a sua materialidade e as consequências das alterações climáticas. Algumas das consequências destes fenómenos são inundações, tempestades, incêndios florestais, secas e desertificação.

Com a criação do ICCC, a Fidelidade dá continuidade ao seu compromisso de proteger o ambiente e de contribuir para a adaptação e mitigação das alterações climáticas, assegurando uma gestão informada dos riscos climáticos, comenta Rui Esteves, Co-coordenador do ICCC e director de Estatística e Estudos Técnicos Não Vida da Fidelidade.

Conheça a composição do Conselho Consultivo do ICCC:

Andrew Revkin - Passou 40 anos a fazer reportagens sobre o clima e outros desafios da sustentabilidade, principalmente para o The New York Times. Começou a debruçar-se sobre o aquecimento global em 1988 e nunca mais parou. Actualmente, dirige o webcast Sustain What.

Butch Bacani - Director da área seguradora do Programa Ambiental das NU, lidera os Princípios das Nações Unidas para os Seguros Sustentáveis e preside ao Fórum das Nações Unidas para a Transição dos Seguros para o Net Zero. Liderou a criação dos primeiros guias globais ESG para seguros, o V20 Sustainable Insurance Facility para países vulneráveis; e co-liderou a criação do Fórum de Seguros Sustentáveis das NU para reguladores.

Júlia Seixas - Professora integral na Universidade NOVA, exercendo funções de pró-reitora para a área da sustentabilidade desde 2021. Há mais de 20 anos que coordena estudos de apoio a políticas públicas, nomeadamente no domínio da mitigação climática, como é o caso da Estratégia de Longo Prazo para a Neutralidade Carbónica da Economia Portuguesa até 2050, submetida à UNFCCC. A sua contribuição para o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas valeu-lhe o

reconhecimento para o Prémio Nobel da Paz em 2007.

Luísa Schmidt - Socióloga e investigadora coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Membro da equipa que introduziu a Sociologia do Ambiente em Portugal. Membro da Comissão Científica do Programa Doutoral em "Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável". Coordena vários projetos de investigação na área do ambiente e alterações climáticas.

Nuno Oliveira - Ecologista e empreendedor português conhecido pelo seu trabalho na estratégia e gestão de ecossistemas e biodiversidade. É sócio-gerente e CEO da NBI - Natural Business Intelligence, uma empresa de consultoria focada em práticas empresariais ecológicas e sustentáveis.

Pedro Matos Soares - Professor Auxiliar do Departamento de Engenharia Geográfica, Geofísica e Energia e Investigador Principal do Instituto Dom Luiz (IDL), ambos da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Nas últimas três décadas tem concentrado os seus esforços de investigação em modelação climática, alterações climáticas, e energia e sustentabilidade, liderando de 2018 a 2022, o grupo de investigação do IDL em Alterações climáticas, processos atmosfera-terra-oceano e extremos. Recentemente, foi nomeado para o Conselho Português para a Ação Climática, e é membro da Comissão Científica do Programa de Doutoramento em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Comissão Científica do Conselho Português para a Saúde e Ambiente.

Marketeer

Seguradora cria centro de estudo para as alterações climáticas em Portugal. Fogos são prioridade

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/10/2024
Meio:	Público Online	Autores:	Andréia Azevedo Soares

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=18834ca7>

Novo “centro de conhecimento”, apresentado esta segunda-feira pela Fidelidade, vai financiar programa de bolsas de mestrado sobre o clima e um “grande estudo” sobre os riscos de incêndio em Portugal.

Um “centro de conhecimento” dedicado ao estudo científico das alterações climáticas foi apresentado esta segunda-feira, em Lisboa, pela seguradora Fidelidade. Ao inaugurar o Impact Center for Climate Change (ICCC), a empresa afirma ter como objectivo criar parcerias com entidades externas, incluindo universidades, centros de investigação, entidades públicas, resseguradores e consórcios internacionais.

O ICCC tem um orçamento previsto de cinco milhões de euros para os cinco primeiros anos de actividade. Este montante servirá para não só financiar bolsas de mestrado na área das alterações climática, mas também promover estudos de grande dimensão em parceria com universidades.

“Neste momento estamos a definir um estudo de grande dimensão sobre análise de risco de incêndios florestais em Portugal em articulação com o nosso conselho consultivo; estamos a mobilizar os investigadores adequados para alcançar resultados que gerem valor acrescentado”, afirma ao PÚBLICO Rui Esteves, co-coordenador do ICCC e director de estatística e estudos técnicos não-vida da Fidelidade.

O conselho consultivo do ICCC é composto por seis membros: o jornalista ambiental Andrew Revkin, ex-repórter do diário norte-americano New York Times; Butch Bacani, director das Iniciativas para a Indústria Seguradora das Nações Unidas; Júlia Seixas, pró-reitora e investigadora em energia e clima da NOVA FCT; Luísa Schmidt, investigadora em sustentabilidade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Nuno Oliveira, CEO da Natural Business Intelligence e, por fim, Pedro Matos Soares, investigador em modelação climática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

O físico da atmosfera Pedro Matos Soares explicou ao PÚBLICO que vê como importante esta aproximação do sector empresarial às universidades para aprofundar o conhecimento científico na área do risco e da adaptação climática. O cientista, que já foi responsável pelo Roteiro Nacional para a Adaptação 2100, frisou que há “uma grande vontade de começar logo a trabalhar” e que uma reunião “para definir estratégias” já estava agendada para esta terça-feira, o dia seguinte à apresentação do ICCC.

O novo centro deve apostar nos fogos em zonas rurais como tema preferencial de estudo, embora outros temas ou fenómenos climáticos extremos também estejam a ser considerados, como é o caso das inundações e da vulnerabilidade das habitações em Portugal.

“Estabelecemos como prioridade os incêndios florestais. Temos de começar por algum lado e sabemos que o aumento da temperatura média vai aumentar o número de dias muito quentes e isso vai ter um impacto em termos de incêndios. Mas a nossa ambição não é só tratar dos incêndios, temos uma

preocupação ao nível das tempestades, das inundações e das ondas de calor, que afecta a saúde das pessoas”, diz Rui Esteves, numa conversa telefónica.

Rui Esteves refere que a “ideia inicial” para a criação do centro ganhou força à medida que as alterações climáticas “começaram a acelerar” e a ter consequências visíveis. “Nós precisávamos de uma iniciativa estruturada para garantir que a Fidelidade estava preparada para lidar com estes desafios”, explica o responsável, uma vez que “as seguradoras estão particularmente expostas devido às consequências físicas que estes eventos extremos implicam.”

A informação obtida a partir dos estudos que venham a ser desenvolvidos poderá integrar o “ecossistema de dados” da seguradora, tornando as análises de riscos mais precisas. “Não consigo dizer que tipo de informação vamos pedir aos cientistas, mas queremos trabalhar com dados científicos conhecidos e rigorosos”, afirma o responsável.

A actividade do novo centro poderá contribuir para sensibilizar cidadãos e decisores para o risco climático, ajudando a reduzir o chamado protection gap (fosso de protecção, numa tradução livre), que consiste numa grande parcela da sociedade que não protege o património através da subscrição de seguros. “Falta uma cultura de subscrição”, refere Rui Esteves.

“Nós não queremos fazer sozinhos [produzir conhecimento]. Sabemos que o valor que pretendemos criar não se esgota na actividade de seguradora, não querendo ignorar que o impacto que tem na actividade é enorme, desde logo em duas componentes: capacidade de gerir sinistros e redução do protection gap”, diz Rui Esteves, lembrando que cerca de 95% das perdas geradas por tempestades, incêndios e inundações nos últimos 40 anos em Portugal “não estavam garantidas” por apólices.

tp.ocilbup@seraosaa